

17. Surpreendidos pela alegria

Aquilo que eu disse, que em todo o caso a alegria deve abraçar também todos os motivos e situações de dor e de tristeza, faz-nos compreender algo que não compreendemos sem a experimentar: que a verdadeira alegria, a alegria de Cristo, é verdadeiramente uma surpresa.

O que é uma surpresa? É uma realidade que não esperávamos, que não podíamos imaginar, que não foi produzida por nós.

A resposta ao dilema da dor, do mal, da morte, não vem de nós, não pode vir de nós. Deve vir de uma experiência surpreendente, da experiência de uma realidade que nos é doada. Só se colabora para a alegria dos outros se se experimenta o acontecimento de algo impossível do qual só se pode dar testemunho. Mas se devemos ser colaboradores da alegria dos outros, para os outros, de uma forma ou de outra, devemos antes de tudo fazer nós mesmos essa experiência.

A experiência de ser surpreendidos é fundamental na descoberta da alegria cristã, porque é a experiência de uma alegria que não é produzida por nós, que não é o resultado de um método, de um treinamento, ou seja lá o que for. É a alegria como acontecimento, como impacto em nós de um evento surpreendente. É claro que, quando alguém é surpreendido pela alegria, percebe que seu coração esperava e buscava essa experiência, que tinha sido feito para isso. Mas a surpresa é a experiência de um salto que nos revela, nos faz tocar, nos doa, um "algo mais de realidade", seja interior que exterior, que não poderíamos prever. Etimologicamente, "surpreender" sugere a ideia de um ser tomado por cima, que se pode compreender como um ser arrebatados, pegos, por algo que nos supera, que é maior do que nós.

Talvez o exemplo mais notável e explícito desse salto seja o estremeamento de alegria que São João Batista tem no ventre de Isabel com a chegada de Maria já grávida de Jesus:

"Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: 'Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? Pois assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio. Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!'

E Maria disse: 'Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador'" (Lc 1,39-47).

Pensemos na expressão de São Paulo: "Colaboradores da vossa alegria" à luz deste episódio. Maria, Isabel, João Batista, são todos colaboradores da alegria uns dos outros, como um vórtice de alegria que apanha a todos e que cada um comunica aos outros. Uma espécie de perichoresis, de circuminsessão da alegria.

Mas isso acontece porque no centro dessa troca está um tesouro escondido, o tesouro escondido por excelência: o Verbo encarnado no ventre de Maria. E isso acontece porque a presença do Filho introduz nas relações entre essas pessoas o dom do Espírito Santo. É como se a Santíssima Trindade, e a circuminssessão trinitária, se conectasse às relações humanas, na comunhão entre as pessoas humanas. E esta é uma surpresa, e esta surpresa é a alegria. A alegria é a surpresa do tesouro que imediatamente é compartilhado como dom surpreendente.

Nesta cena, a alegria a porta Jesus, a porta o tesouro escondido que se deixa encontrar. Mas esse tesouro, essa alegria, permanecerá escondido e, portanto, não surpreenderia ninguém de alegria infinita se não houvessem colaboradores da alegria do tesouro. E o primeiro, depois de Maria, é um feto de seis meses que se torna como o interruptor que permite que a corrente circule, que inicia a circulação da alegria entre Jesus, ele, Isabel, Maria etc., ao infinito, porque aquela corrente alcançou também a nós e continua e continuará a chegar à humanidade até o fim do mundo.

O que faz disparar a alegria em João é a presença de Cristo, o reconhecimento misterioso desta presença. O que torna isso possível? O que faz ocorrer entre um embrião e um feto um encontro cheio de alegria, de alegria pelo outro, por uma presença que não se vê, que não se ouve, que não se toca? Trinta e três anos depois, o Ressuscitado dirá a Tomé: "Felizes aqueles que creem sem ter visto!" (Jo 20,29). Mas por que se pode crer mesmo sem ver? O que baseia a fé e a alegria de crer mais profundamente que o ver, sentir, tocar?

Quando Jesus aparece aos apóstolos, até então incrédulos, na noite de Páscoa, o Evangelho de João diz que "os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor" (Jo 20,20). Eles creem e se regozijam ao mesmo tempo. Assim em outras cenas de aparição do Ressuscitado. Mas é como se a alegria viesse antes da fé. A tal ponto que no Evangelho de Lucas há uma cena de aparição do Ressuscitado na qual se diz que os discípulos, mesmo estando diante de Jesus que lhes mostra as chagas sobre seu Corpo ressuscitado, "continuaram sem acreditar, cheios de alegria e espanto" (Lc 24,41).

A alegria vem antes da fé, mas isso significa também que a fé é maior do que a alegria, ou seja, que a alegria, o estupor, ser surpreendidos pela alegria, não é uma experiência com fim em si mesma, mas um sinal, uma profecia, uma indicação que nos torna atentos à presença real do Ressuscitado no meio de nós.

A alegria não está na alegria, mas no tesouro incrível que a desperta. Mas a alegria tem sentido, é o sentido que reconhece o tesouro, se a fé o escolhe e o acolhe. A fé é a posse do tesouro, uma posse que reconhece seu valor absoluto e, portanto, o abraça, na vida.

Mas é precisamente então, no momento em que a alegria por Cristo conduz à fé em Cristo, que o coração se torna capaz de permanecer ligado ao tesouro além da alegria, em um amor que abraça tudo, até a dor e a morte. Porque a fé reconhece que a presença de Jesus ressuscitado é o que dá sentido, verdade e beleza a toda a vida. E isso é um juízo de fé, que não é apenas teórico, mas experiência.

Mesmo lá onde a alegria não pode ser sensível, porque é mais sensível a dor, a fé percebe uma plenitude maior do que a alegria: viver em Cristo, e que nada nos separa d'Ele, do seu amor.

"Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? Realmente, está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia inteiro; somos tratados como gado destinado ao matadouro. Mas, em todas essas coisas, somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou. Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8,35-39).

Recentemente, a um amigo que me anunciava que infelizmente a primeira quimioterapia para seu tumor não havia funcionado, propus novamente esta pergunta essencial que São Paulo nos ajuda a colocar diante de tudo: "Quem nos separará do amor de Cristo?" E lhe propus que acrescentasse sua doença à lista aberta de sofrimentos que o apóstolo descreve: "A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada?".

Esse amigo me agradeceu, pois esse pensamento como que se inseriu entre ele e sua doença, descobrindo que algo maior que qualquer mal define nossa vida, lhe dá sentido, mesmo se perdemos tudo, mesmo se perdemos a vida. Como reza o Salmo 62: "Vosso amor [vossa graça, vossa misericórdia, vossa *hesed*] vale mais do que a vida: e por isso meus lábios vos louvam" (Sl 62,4).

O Salmo 62, como tantos salmos, coloca diante de Deus toda a miséria que o salmista experimenta em toda a sua humanidade: "A minha alma tem sede de vós, minha carne também vos deseja, como terra sedenta e sem água!" (v. 2), e no final do salmo se vê que não é apenas uma provação interior, mas a condição de um homem ameaçado por "aqueles que atentam contra a minha vida" (v. 10) e por "mentirosos" (v. 12).

A alegria para ele – aquela que o faz cantar o louvor de Deus (v. 4) e o faz dizer: "cantará a alegria em meus lábios" (v. 6) e "de vossas asas à sombra eu exulto!" (v. 8) –, a alegria para ele, e para todos nós, está toda na descoberta de ser amado pelo Senhor com um amor maior do que a vida.